

Ser e agir – da ordem trinitária ao governo do mundo, implicações de uma genealogia teológica da *oikonomia* à luz de Giorgio Agamben

To be and to act – from trinitarian order to governance of the world implications of the theological genealogy from *oikonomia* to the vision of Giorgio Agamben

Felipe Onisto¹
Danielly Borguezan²

Recebido: 11/2016
Aprovado: 02/2017

Resumo: O presente trabalho possui como tema central discussões entre Ser e Agir, conceitos apresentados pelo filósofo Giorgio Agamben na obra "O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo: Homo Sacer II" (Boitempo, 2011). O objetivo geral do artigo é compreender a teologia cristã e suas influências na economia. A metodologia utilizada é de caráter revisionista, bibliográfica. Estruturalmente o debate decorrerá sobre dois postulados, Genealogia teológica da *oikonomia* onde as discussões permitirão compreender os conceitos a partir do século III depois de Cristo pelos primeiros padres da igreja, e Teologia e *oikonomia* - deus virou dinheiro, decorrente das implicações da análise na compreensão do ocidente. As considerações finais apontam que secularmente a igreja se legitimou a guiar as vidas mundanas sob a prerrogativa de um agente transcendente que as observa. Utilizando desses mecanismos o sistema econômico se elevou à sacro, entidade metafísica que expressa humor no mercado financeiro, não o agrada impacta diretamente na condução material que as vidas necessitam. Seu bem reside na produção e consumo, não há espaços aos incrédulos, os que o fazem são taxados de inimigos da ordem, rebeldes conspiradores, ameaçadores da lógica e necessitam ser extirpados. Como não se questiona Deus a vertente também se aplica ao mercado financeiro. Com 2016 anos de história, o cristianismo se consagrou e como cópias da vertente a economia caminha nessa direção.

Palavras-chave: Teologia; *Oikonomia*; Ser e Agir.

Abstract: This paper has as its central theme of discussions between Being and Acting, concepts presented by the philosopher Giorgio Agamben in the book "The kingdom and THE glory: a theological genealogy of economics and government: Homo Sacer II" (Boitempo, 2011). The main objective of this article is to understand Christian theology and its influence on the Economy. The methodology used is revisionist with bibliographical character. Structurally the debate will take place on two postulates, Genealogy theological of *oikonomia* where discussions will understand the concepts from the third century after Christ by the early church fathers, and Theology and *oikonomia* - god became money, resulting from the analysis of the implications for the understanding of West. The conclusions point that for centuries the church has legitimized the lead worldly lives under the prerogative of a transcendent agent who watches them. Using these mechanisms the economic system rose to the sacrum, metaphysical entity that expresses mood in the financial market, not please him directly impacts the driving stuff that lives need. Their welfare is in the production and consumption, there is no space to unbelievers, and those who do are labeled as enemies of the order,

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Contestado - UnC - Canoinhas - SC com Licenciatura Plena em Sociologia. Pós-Graduação em Gestão Pública pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Acadêmico no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado - UnC. Professor da UnC e coordenador do curso de graduação de Ciências Sociais - UnC. Atualmente vincula-se ao grupo de pesquisas interdisciplinar em Ciências Humanas - CNPq e grupo de estudos de Giorgio Agamben. <http://www.agambenbrasil.com.br/>

² Graduada em Direito pela Universidade do Contestado - UnC. Especialização em Processo Civil – UnC. Mestre em Desenvolvimento Regional - UnC. É advogada e faz parte do corpo docente da Escola Técnica Dama e da Universidade do Contestado - UnC. Coordenadora do curso de Direito da UnC. Atualmente vincula-se ao grupo de pesquisas interdisciplinar em Ciências Humanas - CNPq e grupo de estudos de Giorgio Agamben. <<http://www.agambenbrasil.com.br/>>

conspirator's rebels, threatening the logic and need to be extirpated. As there is no question God shed also applies to the financial market. With 2016 years of history, Christianity was consecrated and how strand copies of the economy is headed in that direction.

Keywords: *Theology; Oikonomia; To be and to act.*

Introdução

O presente trabalho possui como tema central discussões entre Ser e Agir, conceitos apresentados pelo filósofo Giorgio Agamben na obra “O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo: Homo Sacer II” (Boitempo, 2011). O objetivo geral do artigo é compreender a teologia cristã e suas influências na economia. A metodologia utilizada é de caráter revisionista, bibliográfica. Estruturalmente o debate decorrerá sobre dois postulados, *Genealogia teológica da oikonomia* onde as discussões permitirão compreender os conceitos a partir do século III depois de Cristo pelos primeiros padres da igreja, e *Teologia e oikonomia - deus virou dinheiro*, decorrente das implicações da análise na compreensão do ocidente.

As percepções dos conceitos filosóficos requerem contextualização, movimento que permitirá situar suas amplitudes e limites no tempo em que se apresentam, bem como é imprescindível localizar as vertentes teóricas do pensador que decorrem sobre. Dessa forma, é necessária uma apresentação de Giorgio Agamben, fundamental para compreensão do raciocínio.

Nascido em Roma no ano de 1942, é tido hoje como um dos pensadores vivos mais influentes de sua época (SALVÀ, 2015, p. 1), formado em Direito (1965) pela *Università di Roma*, apresentou sua tese sobre o pensamento político de Simone Weil. Com 24 anos participou em *Lê Thor*, Província francesa, de um seminário conduzido por Martin Heidegger, momento que auxiliou suas concepções acerca do humanismo e da definição do que é Filosofia, mesmo período em que se dedicava as leituras de Walter Benjamin. A partir de 1978 começou a traduzir as obras do filósofo Frankfurtiano para o italiano, “leitura que talvez me serviu de antídoto ante o pensamento de Heidegger” (AGAMBEN, 2006, p. 2).

Outros teóricos contribuíram para sua formação filosófica, Guy Debord com a ideia de espetacularização da vida e Michel Foucault com os métodos investigativos (Arqueologia e Genealogia). Agamben utiliza a base conceitual de Foucault para constituir suas vertentes acerca do jurídico (Política) e da economia, não se trata de copiar o pensamento, mas, uma possibilidade analítica quando interpretado o momento à luz dos teóricos. Em entrevista concedida a Gianluca Sacco e traduzida para o português pelo professor Dr. Selvino José

Assmann – Universidade Federal da Santa Catarina - UFSC, especifica a originalidade de sua obra:

Vejo o meu trabalho sem dúvida próximo daquele de Foucault. Nas minhas duas últimas pesquisas sobre o “estado de exceção” e sobre a “teologia econômica”, procurei aplicar o mesmo método genealógico e paradigmático que praticava Foucault. Por outro lado, Foucault trabalhou em tantos campos, mas os dois que deixou de fora são, exatamente, o direito e a teologia, e me pareceu natural dedicar minhas duas últimas pesquisas precisamente nesta direção (AGAMBEN, 2005, p. 2).

O projeto filosófico agambeniano começa a tomar corpo em 1970 com o livro: “O HOMEM SEM CONTEÚDO”. Em 1974 morando na França estabelece contato direto com Italo Calvino, Pierre Klossowski e Guy Debord, entre 1974 e 1975 vive em Londres onde aprofunda seus estudos no Instituto Aby Warburg. No ano de 1986 torna-se um dos diretores do Collège International de Philosophie de Paris, onde manteve contato com os filósofos: Lacoue-Labarthe, Jacques Rancière, Barbara Cassin, José Gil, Fernando Gil, Gianni Vattimo François Châtelet, Jacques Derrida, de Jean-Pierre Faye, Dominique Lecourt, Alain Badiou, Michel Deguy e Paul Virilio (OLIVEIRA, 2013).

Giorgio Agamben não se vincula integralmente a docência, entretanto já lecionou em algumas instituições como a Università di Verona, Universidade de Macerata, Istituto Universitario di Architettura (IUAV) de Veneza e New York University. Dada às políticas de emigração do governo Bush após o ataque ao World Trade Center (2001), deixou de lecionar no país como protesto as regras cívicas violadas, identificando um permanente “Estado de Exceção”. Sua recusa estava em cadastrar a biometria¹, sinal que identifica como um dispositivo e logo o remete aos campos de concentração nazista, e é esse segmento que contribui com seu pensamento ao qual o campo de concentração torna-se o paradigma moderno, essa prática antes era submetida a criminosos, porém, agora ela se tornou regra.

Os jornais não deixam margem a dúvidas: de agora em diante, quem quiser viajar aos Estados Unidos com visto será fichado e terá de deixar suas impressões digitais registradas ao entrar no país. Pessoalmente, não tenho intenção nenhuma de me submeter a tais procedimentos, e foi por isso que cancelei de imediato os cursos que deveria dar em março na Universidade de Nova York. Eu gostaria de explicar aqui a razão dessa recusa, ou seja, por que, apesar da simpatia que há muitos anos me liga a meus colegas americanos, assim como a seus alunos, considero essa decisão ao mesmo tempo necessária e inapelável e quanto eu gostaria que ela fosse compartilhada por outros intelectuais europeus (AGAMBEN, 2004. p. 1).

Atualmente o filósofo apresenta críticas provocativas aos mecanismos de controle, alertando que a sociedade contemporânea limita a liberdade ao invadir a subjetividade. Análises como essas são o resultado da Tetralogia Sacer, livros

escritos após 1990, momento em que seu pensamento filosófico e político assumem maior intensidade.

O “Reino e a Glória” é a última obra que compõem essa série, publicada em 2007 na Itália foi traduzida para o português somente em 2011, suas discussões são resultantes de uma genealogia do poder:

Agamben desloca agora o foco de análise para os primeiros séculos da teologia cristã, e explora como a consolidação paulina e patrística da comunidade messiânica nos termos helênicos de uma “economia”, e não de uma “política”, acabou por determinar uma série de transmutações conceituais fundamentais no conceito de governo. Estas transformações, por sua vez, teriam fornecido a base teológica oculta do paradigma do poder moderno como “gestão de coisas e pessoas” ou “governamentalidade”, conceito apropriado desde a basilar obra de Michel Foucault, autor ao qual Agamben alega se vincular (SORDI, 2013, p. 1).

Na obra o filósofo revela que a ideia trinitária (pai, filho e espírito santo) foi dinamizada pelos primeiros padres da igreja católica como uma economia divina, problemática que visou solucionar a gestão da casa e se estende hoje como paradigma da máquina governamental, sob outra vertente, Agamben permite compreender a viagem do conceito de *oikonomia* - grego (administração da casa) para uma ideia teológica de governo como administração do mundo, o que inclusive influenciou a separação do três poderes que compõem o Estado moderno (Executivo, Legislativo e Judiciário).

Dentre os oito capítulos que compõem a obra, esse artigo se dedicará as discussões apresentadas na terceira parte do livro, Ser e Agir, sobretudo na primeira parte escrita. No texto, Agamben apresenta uma genealogia dos conceitos e identifica o momento em que a *oikonomia* foi inserida pela Cristologia como governo de Deus na terra. Nos estudos apresentados, Ser (divino) é representante da teologia, enquanto o Agir apresenta-se como a ação (*oikonomia*), extensão de Deus no cosmos (governo). Essas figuras são inseparáveis e é essa foi à forma que os primeiros padres encontraram para criação de uma religião monoteísta.

Genealogia teológica da *oikonomia*

Ao rastrear as proximidades e fraturas entre Ser e Agir, Teologia e *oikonomia*, Agamben identifica as relações estabelecidas historicamente entre a metafísica e a política. Para isso retoma o pensamento dos padres do século III depois de Cristo que elaboraram a doutrina da *oikonomia*, movimento que visou assegurar o monoteísmo e desvincular-se das ideias politeístas.

É para fugir dessa consequência extrema da tese trinitária que Hipólito tem o cuidado de insistir em que Deus é uno segundo a *dynamis* (ou seja, na terminologia estoica de que ele se serve, segundo a *ousia*) e triplo apenas na economia, e Tertuliano opõe com firmeza a Práxeas que a simples “disposição” da economia não significa de modo algum a separação da substância. O ser divino não é dividido porque a triplicidade de que falam os padres se situa no plano da oikonomia, e não naquele da ontologia (AGAMBEN, 2011, p. 67).

Dessa forma, apresenta o Ser enquanto racionalidade teológica e Agir como racionalidade econômica, distintas, porém, inseparáveis, logo a *oikonomia* é o governo de Deus no mundo, o que implica uma economia da salvação. Sob a vertente de Pascal a economia não se fundamenta na ontologia, sendo que a única possibilidade de se estruturar consiste em obscurecer sua gênese, e esse mistério alude outras questões como o governo de Deus no mundo revelado aos humanos por Jesus Cristo, e é sob esse postulado que o enigma da *oikonomia* não se baseia no Ser, mas, na Prática.

Sob essa perspectiva os teólogos cristãos recorrem à concepção grega (Aristotélica) da *oikonomia* como espaço da administrabilidade, local reduzido às relações privadas peculiares a *oikos* (casa), maneira de inserir a teologia no controle do mundo:

É sob este enfoque de *oikonomia*, que se articulam noções de gestão, governo, ordem, disposição, escolha e capacidade de análise, que os primeiros teólogos transpõem para o âmbito teológico, possibilitando, neste contexto, o sentido de plano divino da salvação (BAZZANELLA, 2010 p. 269).

Assim se apresenta o local das necessidades físicas, condição da manutenção do corpo, entretanto, na contramão do argumento aparece a *BIOS*, vida qualificada, segmento da liberdade, instância da vida política onde alguns cidadãos participam das decisões da pólis. No movimento Aristotélico, a vida só tem sentido enquanto qualificada, o resto é imperativo biológico, respaldo para existir corporalmente, nesse sentido a *oikonomia* é estratégica para regular (*nomia*) esse espaço, destarte, “a esfera política detinha a supremacia sobre a esfera econômica” (BAZZANELLA, 2010, p. 96). Com o fim da pólis a dimensão da vida assume outros postulados, vide Império Romano que preparou os humanos para guerra.

Genealogicamente é possível encontrar fraturas no pensamento clássico e cristão, para os primeiros a ideia de vontade livre era periférica, enquanto para os precursores da criação os resultados eram aspirações de Deus e conseqüentemente seu governo no mundo, demanda própria, resultado das apostas na economia trinitária, de onde deriva a teologia da *oikonomia*.

Deus seria uno na substância e trino na economia, sem dissolução de comunhão. O desafio para os teólogos sempre foi o de demonstrar como se poderia, admitida a

diversidade de funções, manter ainda a unidade irrenunciável – notemos que a economia trinitária comporta uma diversidade de funções, aparentes especialmente nos atributos de louvação dirigidos a cada uma das pessoas: o Pai, criador de tudo o que existe, o Filho, redentor, salvador, senhor e juiz, o Espírito Santo, transmissor da vida e comunicador do amor divino (elementos distintos na doxologia cristã). Outro desafio era de evitar, com relação à concepção de Deus, a fratura entre ontologia e prática, entre ser e agir. Se Deus decide governar o mundo, algo que diverge de si em substância, esse governo não pode estar separado de sua natureza unitária. A possibilidade de tal governo não pode permitir que o indício de diversidade seja compreendido associativamente com qualquer espécie de politeísmo (NASCIMENTO, 2010, p. 83).

Preconizar a concepção de *oikonomia* foi à solução encontrada pelos primeiros padres para solucionar os problemas que a identidade trinitária criou, bem como fortalecer uma igreja iniciante, fugir do politeísmo e paganismo, dessa forma, se apresentava Deus como unidade, onipotente em sua substância (Ser), entretanto, tríplice quando administrador da casa, do mundo (Agir – Ação). O monoteísmo tornou-se estratégico ao contrariar o politeísmo arcaico, nessa ordem há vontade de um só Deus que assume relevância na manutenção do Agir, expressa no governo que rege o mundo frente a uma vontade harmônica na figura do filho, mediado pelo espírito santo.

Na história da igreja surgiram inúmeras interpretações e explicações para o segmento da *oikonomia*, segundo os Capadóci os termos *teologia* e *oikonomia* são difusos e apresentam em seu *logos* racionalidades diferentes, peculiaridades, logo, se pode falar de dois Cristos, um enquanto divindade e outro ligado a economia salvífica. Teodoreto de Ciro reafirma os capadóci os e alega que os padres eram conscientes na divisão, porém, enalteciam as duas vertentes para que não se separassem o Deus divino e sua humanidade, representado na figura de Cristo, precursor de seu governo mundano. Sob a escola patrística o horizonte é outro:

[...] teologia e economia é tão resistente que a reencontramos nos teólogos modernos como oposição entre trindade imanente e trindade econômica. A primeira refere-se a Deus como Ele é em si mesmo e diz-se também, por conseguinte, “trindade de substância”; a segunda refere-se, por sua vez, a Deus em sua ação salvífica, através da qual Ele se revela aos homens (por isso também é denominada “trindade de revelação”). A articulação entre essas duas trindades, ao mesmo tempo distintas e inseparáveis, é a tarefa aporética que a *oikonomia* trinitária deixa como herança à teologia cristã, em particular à doutrina do governo providencial do mundo, que se apresenta por isso como máquina bipolar, cuja unidade sempre corre o risco de naufragar e deve ser, a cada vez, reconquistada (AGAMBEN, 2011, p. 77).

Na perspectiva de Máximo “existem em Cristo duas naturezas, mais uma só essência” (AGAMBEN, 2011, p. 77), o que estava em jogo era evitar interpretações na ordem cristológica estendidas à ação da economia, colocando em Cristo duas vontades divergentes. Às avessas, Pirro afirma que se há duas

naturezas em Cristo conseqüentemente existem duas vontades, logo, não é possível transferir o que foi pensado pela teologia a ordem da economia.

A resposta de Máximo é categórica, mostrando que a articulação dos dois discursos coincide com um problema decisivo em todos os sentidos. Se o que foi dito pelos Padres para a teologia – escreve ele – não valesse também para a economia, “então, após a encarnação, o filho não será teologizado juntamente [*syntheologeita*] com o Pai. E se não for, então não poderá ser enumerado ao mesmo tempo na invocação do batismo, tornado vãs a fé e a pregação”. Em outro escrito, sublinhando a inseparabilidade entre teologia e economia, Máximo escreve: “O *logos* de Deus encarnado [ou seja, o representante da economia] ensina a teologia” (AGAMBEN, 2011, p. 77).

Baseado nessas investigações Agamben afirma que teologia e economia não podem ser separadas e sim conviver em acordo divergente para que não se estabeleça tanto peso a Deus como ao filho. Esse movimento que torna possível o governo providencial, exatamente pela falta de fundamento no ser, mas fundante no filho enquanto paradigma do agir da *oikonomia*. Sob esses postulados que o filósofo alega que o modelo de governo do ocidente moderno é originário da secularidade Cristã o que alude uma economia da salvação, sob outra possibilidade, o Estado moderno é resultante das práticas cristãs, assim como os pastores cuidavam das suas ovelhas, o governo hodierno se responsabiliza pela condução de suas almas o que implica diretamente na economia contemporânea.

Teologia e oikonomia - deus virou dinheiro

A administrabilidade da vida na atualidade está além do paradoxo entre Ser e Agir, *Zoé* e *Bios*, foge da *Ágora* e se reduz aos dispositivos da máquina jurídico-administrativa. Se para a cristologia o Ser era a figura divina contemplativa e a *oikonomia* o governo de Deus no mundo, a contemporaneidade ocidental substituiu o teológico pela esfera do dinheiro e o governo mundano pelo Estado-Nação que preconiza a financeirização da economia, dessa forma, hoje as agências bancárias são espelho da Igreja e Deus virou dinheiro, assim como o crédito resplandece nos sentimentos da fé.

O capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer respostas. A demonstração da estrutura religiosa do capitalismo, que não é só uma formação condicionada pela religião como pensou Weber, mas um fenômeno essencialmente religioso, nos levaria ainda hoje a desviar para uma polêmica generalizada e desmedida (BENJAMIN, 2013, p. 21)

Torna-se imprescindível apontar a ideia de *oikonomia* e ordem trinitária como resultantes de um processo, movimento que exerce fortes influências na conformação da ocidentalidade e suas condições biopolíticas. As fraturas apresentadas nesse limiar permitem identificar que a administrabilidade do filho na terra sob as prerrogativas do pai foram substituídas pelos bancos, bem como os shoppings e seus funcionários assumiram um conjunto de rituais que implicam em uma nova teologia da salvação no presente. O movimento hodierno foi potencializado pela financeirização da vida, ativo assegurado pela lógica estatal na segurança de um modelo econômico que utiliza os mesmos rituais secularizados pela igreja.

Deus não morreu, ele se tornou Dinheiro. O Banco – com os seus cinzentos funcionários e especialistas – assumiu o lugar da Igreja e dos seus padres e, governando o crédito (até mesmo o crédito dos Estados, que docilmente abdicaram de sua soberania), manipula e gere a fé – a escassa, incerta confiança – que o nosso tempo ainda traz consigo (SALVÁ, 2012, p. 1).

De maneira inconsciente o plano filosófico Cartesiano “*Penso Logo Existo*”, se apresenta as avessas na contemporaneidade (sobretudo no Brasil – território de ávidos produtores e consumidores), envolvido pela materialidade e compendiado na absolutabilidade de “*Compro logo existo*”, fator decisivo para conferir valor e utilidade a vida humana ocidental, ou seja, a contemplação é resultante do poder de acumulação concreta.

O tempo, disposição, contemplação, movimentos para salvação antes guiados pelos padres, está aprisionado e alimenta a lógica do sistema econômico vigente, transferido aos bancos e aos templos do consumo, foram capazes de sacralizar aquilo que era profano, assim objetos assumem cada vez mais importância em nossas vidas. Assim como Deus administrava o mundo como vontade onipotente, os criadores de hoje (cientistas, tecnólogos, pesquisadores, designers...) nos bombardeiam cotidianamente com novos instrumentos que se apresentam como extensões do corpo (técnica), algo quase imanente ao humano², sem o qual nossas vidas careciam de sentido, isso também implica o movimento da contemplação e felicidade. Bem vindos à economia da salvação. “A transcendência de Deus ruiu. Mas ele não está morto; ele foi incluído no destino humano” (BENJAMIN, 2013, p. 22).

Assim, indivíduos e governo buscam no crédito a nova promessa salvífica, mas, para isso a soberania do Estado-Nação foi substituída pela supremacia dos mercados econômicos, fundamentada na ética desarraigada da ontologia e democracia do consumo, afinal, os conceitos foram esvaziados de sua essência. A vertente da nova Soberania mercantil é capaz de apossar-se das mais variadas hermenêuticas religiosas, conceitos apregoados no período

cristão são adequados às necessidades do fetichismo pelo objeto. Os termos “salvar”, “sacrificar”, são cotidianamente utilizados pela massa tecnocrata para designar amparo à égide do capitalismo quando em crise, a aposta de protegê-lo resulta no fomento ao crédito, na manutenção do poder de compra.

Nas entrelinhas a economia se apresenta como o novo paradigma onipresente e onipotente, centralizadora das relações mercantis e políticas, conferindo sentido à vida ocidental, entretanto, cíclica e com racionalidade limitada. As crises que se apresentam são sintomáticas e trazem na essência uma confusão de originalidade, no capitalismo é praticamente impossível mensurar ou prever fenômenos expostos na lógica ou falta dela. Se na matriz judaico-cristã a trindade era o mistério que sustentava o monoteísmo, atualmente a financeirização é o foco que não possui epicentro, talvez seja esse o caráter misterioso da economia. “Na época de reforma, o cristianismo não favoreceu o surgimento do capitalismo, mas se transformou no capitalismo” (BENJAMIN, 2013, p. 24).

A *oikonomia* da salvação foi elevada ao sagrado, ponto determinante para condução das vidas hodiernas. O movimento político foi reduzido a rituais teológicos, uma maneira de Ser e Agir, não há espaço para discussões ou criatividade, e sim um potencial para tecnocracia, formas exatas, modelos matemáticos que regem a vida e visam à manutenção do corpo produtivo e consumidor. Assim, a vertente da divindade se reproduz na medida em que o governo cumpre seus ritos de passagem, seja na posse presidencial ou nos processos legislativos e judiciais.

Os preceitos políticos e econômicos ocidentais dão forma a uma peculiaridade administrativa, seja na conformação da vida ideal ou potencial dela, dessa forma Agamben sintetiza que o campo de concentração é emblemático em nosso tempo, lugar da espetacularização, biopolítica e tanatopolítica. Espaço da sociedade da vigilância, controle, mecanismos de Estado que dizem assegurar plenos direitos, porém, não o garantem porque a exceção tornou-se regra legitimada.

Considerações finais

Secularmente a igreja se legitimou a guiar as vidas mundanas sob a prerrogativa de um agente transcendente que as observa. Teologicamente há um fado que não reconhece desvios, hereges, destarte, os aceitam se recondicionados a simetria salvífica, em jogo está somente o agrado da divindade, vida que se aprisiona a imanência da trindade. Simplesmente há vontade de potência em Deus, restam às almas seu agrado benéfico, as avessas

também é verdadeira, os que não o agradam foram ressignificados pela malevolência inimiga, expressa na figura demoníaca.

Utilizando desses mecanismos o sistema econômico se elevou à sacro, entidade metafísica que expressa humor no mercado financeiro, não agradá-lo impacta diretamente na condução material que as vidas necessitam. Seu bem reside na produção e consumo, não há espaços aos incrédulos, os que o fazem são taxados de inimigos da ordem, rebeldes conspiradores, ameaçadores da lógica e necessitam ser extirpados. Como não se questiona Deus a vertente também se aplica ao mercado financeiro. Os autoproclamados comunistas sabem bem como isso funciona, remetidos a “comedores” de criancinhas, sofrem com a bíblia econômica e suas práticas ideológicas.

Da mesma forma que a falsa representação condicionou os fiéis da igreja, as propagandas midiáticas coagem os adoradores do capitalismo, a massa é disciplinada para o fetichismo da matéria. A fé salvífica é expressa pelo consumismo que notoriamente proporciona posição mundana, a materialidade coloca os fiéis em contato com Deus que transcende – Deus do Capital. Como anunciado por Agamben: “Deus não morreu, se transformou em dinheiro”, isso significa que as preces, confissões e orientações outrora cristãs, foram remetidas ao sistema financeiro. Não investir é pecado, assim como não circular a moeda. Aos que muito possuem são reconhecidos pelo alcance da salvação econômica.

Na lógica do cristianismo a missa é dominical, no arquétipo financerizado o pai exige contato diário, é necessário acompanhar as notícias da política e da economia, escutar atento aos coroinhas/analistas financeiros para manipular a volatilidade da moeda. Quanto maior o acúmulo, mais próximo de Deus estará, quem sabe garantirá a beatificação ou santificação através dos milagres econômicos.

Certamente as percepções do filósofo instigam a compreensão das conexões contemporâneas. Ao mesmo tempo, nos remete a questões centrais para desmistificação do homem e suas relações políticas, econômicas e sociais. Nos alicerces argumentativos desse texto esteve em jogo o conceito de poder, poder que foi aprisionado pela égide econômica e realça os interesses de uma elite que se endeusou. Mas afinal, quem são essas figuras? Quantas atingiram esse cume alardeado por elas? Quais são as falhas desse modelo? Limites? Onde reside seu epicentro?

Ao pensador cabe questionar, colocar no palco as veracidades, demonstrar possibilidades, quebrar dogmas, apontar a dimensão do mundo, seguramente Giorgio Agamben o faz. Como um tsunami, devasta os alicerces secularizados oportunizando a profundidade dos oceanos ao conhecimento.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória : uma genealogia teológica da economia e do governo : homo sacer, II*. Tradução Selvino José Assmann. São Paulo :Boitempo, 2011.

_____. *Entrevista com Giorgio Agamben*. Revista do Departamento de Psicologia da UFF, vol.18, n.1, Niterói Jan./June 2006. Entrevista concedida a Flávia Costa.

_____. *Da teologia política à teologia econômica entrevista com Giorgio Agamben*. Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis. V. 2 n. 2 Florianópolis Jul/Dez 2005. Entrevista concedida a Gianluca Sacco e traduzida para o português por Selvino José Assmann.

_____. *Não à tatuagem biopolítica*. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1801200404.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

BAZZANELLA, Sandro Luiz. *A centralidade da vida em Nietzsche e Agamben frente a metafísica ocidental e a metafísica contemporânea*. [tese] / Paulo Roberto Sandrini ; orientador, Selvino José Assmann. – Florianópolis, SC : 2010. 468 p.

BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. [Organização Michael Löwy ; tradução Nélio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu]. – 1. Ed. – São Paulo : Boitempo, 2013.

NASCIMENTO, Daniel Arruda. *Do conceito de inoperosidade no recente vulto de Giorgio Agamben*. Cadernos de Ética e Filosofia Política 17, 2/2010, pp.79-101.

OLIVEIRA, Claudio. *Agamben, um filósofo para o século 21*. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/06/agamben-um-filosofo-para-o-seculo-21/>. Acesso em: 07 mar. 2015.

SALVÀ, Peppe. *“Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro”*. *Entrevista com Giorgio Agamben*. Tradução Selvino José Assmann. Publicado em 30 ago. 2012. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

SORDI, Caetano. AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo*. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 23 p. 247-254, jan./jun. 2013

¹ Em decorrência desse fato, escreve o artigo: “Não a tatuagem biopolítica”, traduzido e publicado pelo site da folha de São Paulo em 18 jan 2004.

² Trata-se da mesma circunstância adotada pelas montadoras de carros com a infinidade de acessórios que se apresentam como iminentes e fundamentais para a melhor operacionalidade da máquina. Se preferir os celulares cumprem a mesma função, cotidianamente somos coagidos pela miríade de produtos que se apresentam como inquestionáveis para o ciclo de vida, como celular que captura fotos em baixo d'água vendidos a massa que não possuem piscina, muito menos acesso a espaços de lazer com água.